

LÍDER COMUNITÁRIA GANHA PRÊMIO INTERNACIONAL DE MEIO AMBIENTE

Uma líder comunitária do Pará que foi chave para implementar um projeto de manejo florestal sustentável apoiado pelo PCBA ganhou um dos mais importantes prêmios internacionais de meio ambiente do mundo. Alguns dias antes do Natal Maria Margarida Ribeiro da Silva, da Reserva Extrativista (Resex) Verde para Sempre, no Pará, viajou para a Alemanha para receber o Prêmio Wangari Maathai de Campeões da Floresta. O prêmio foi criado para homenagear a primeira ambientalista que recebeu o Prêmio Nobel.



Foto: Pilar Valbuena/ Global Landscapes Forum

Maria Margarida da Silva recebe prêmio em Bonn, Alemanha.

A premiação de US\$ 20 mil foi entregue pelo líder indígena Marcos Terena em uma cerimônia do Global Landscapes Forum que discutiu uso sustentável da terra, em Bonn.

Margarida vive numa região conhecida por conflitos e violência no campo, onde grileiros e desmatadores ilegais atuam fortemente. Por mais de uma década, ela tem lutado para trazer desenvolvimento sustentável e implementar manejo florestal com certificação na Resex. Em um comunicado à imprensa, ela disse que “espera ajudar a garantir o apoio contínuo para comunidades amazônicas na proteção das florestas para futuras gerações”.

Dentro do PCBA, as ONGs Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) e o Instituto Florestal Tropical (IFT) têm trabalhado em conjunto com seis associações comunitárias no Verde para Sempre para criar duas novas cooperativas e fortalecer uma já existente. Inicialmente, elas irão atuar na venda de madeira proveniente de manejo florestal comunitário, mas no futuro irão acrescentar produtos não-florestais ao seu leque. A Resex tem 1,3 milhão de hectares e é uma das maiores da Amazônia.

Um dos sucessos da iniciativa é a negociação de contratos justos e transparentes para a venda de madeira manejada pelas cooperativas e associações da Verde para Sempre. Apesar da falta de interesse inicial de compradores em potencial, as cooperativas perseveraram e a empresa Belém Florestal foi atraída pela oferta

de madeira certificada com o selo do *Forest Stewardship Council* (FSC), vendida pela cooperativa da comunidade Arimum, onde vive Margarida. Quando a empresa descobriu que havia oferta semelhante (não certificado, mas seguindo as mesmas boas práticas de Arimum), em outras cinco comunidades, ampliou a negociação de compra para as outras e adiantou pagamentos para as seis, facilitando o início das operações.



Foto: Katiuscia Fernandes

Resex Verde para Sempre.

A Verde para Sempre é a primeira Resex da região a conseguir implementar o manejo florestal comunitário e certificado. Um engenheiro florestal contratado gerencia o manejo e cuida do processo de licenciamento. Em 2017, a Belém Florestal comprou um total de R\$ 2,5 milhões em madeira manejada das comunidades. O dinheiro paga salários e beneficia as 305 famílias dos 112 manejadores, mas a maior parte está sendo guardada pela comunidade para que no futuro possam comprar os equipamentos pesados necessários para o transporte e carregamento da madeira, que representam cerca de 60% dos custos de operação.

De acordo com Katiuscia Miranda, Coordenadora Adjunta do IEB em Belém, a ideia é criar uma Central de Cooperativas para facilitar o Planejamento e contornar dificuldades como a busca de compradores, já que as comunidades ficam distantes entre si e também da cidade.

No guarda-chuva do PCBA, o trabalho faz parte de um arranjo multi-institucional que inclui o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (responsável pela indicação de Margarida ao prêmio), o Serviço Florestal dos EUA, a Universidade Federal do Pará, a Embrapa, o IFT, o Comitê de Desenvolvimento Sustentável de Porto de Moz (CDS) e organizações comunitárias. O financiamento vem da USAID e do Serviço Florestal dos EUA e outro doador, a Aliança do Clima e Uso da Terra (CLUA) também está presente.

QUILOMBOLAS DO PARÁ APRENDEM A SE TORNAR “YOUTUBERS”, COMPARTILHANDO SUAS PERSPECTIVAS DE COMUNIDADES DA FLORESTA AMAZÔNICA COM O MUNDO

Oriximiná é um dos maiores municípios do Brasil. Cortado por grandes rios, abriga territórios indígenas e quilombolas. No limite norte do país, dentro da floresta Amazônica, ainda é uma área bem pouco conhecida. Mas isto pode mudar logo: no último final de semana de janeiro, um grupo de 40 jovens quilombolas participou de um curso de produção de vídeo coordenado por um YouTuber para aprender a criar canais e mostrar seu modo de vida e sua cultura para o resto do mundo.



Photo: ECAM Archive

Allan Portes workshop.

Organizado pela Equipe de Conservação da Amazônia (ECAM), ONG parceira do PCBA, em conjunto com a *Google Earth Outreach* e o Programa Territórios Sustentáveis, o curso levou o YouTuber Allan Portes para a Calha Norte do rio Trombetas, na pequena e remota comunidade de Jarauacá, no Pará, juntamente com um representante do YouTube/Brasil. Portes ensinou aos jovens representantes de oito territórios quilombolas e quase 37 comunidades, os princípios para produzir vídeos caseiros de qualidade. O objetivo do programa é levar para as comunidades instrumentos para que elas possam desenvolver seus projetos de gestão e contar suas histórias. A demanda pela realização da oficina veio dos próprios jovens.

Ildimara dos Santos, que vive em Jarauacá, quer registrar as atividades do grupo “Suingue de Palmares”, de carimbó, uma dança tradicional do Pará. Além de ensinar a dançar o carimbó, ela quer “mostrar a realeza e sensualidade dos dançarinos e a cultura da comunidade”.

Karina dos Santos, da comunidade Tapaia, propôs que o nome do novo canal seja “Preservando a Nossa Área”. “Podemos fazer observação da floresta na nossa área e entrevistas com os mais velhos. Não só falar da floresta, mas da cultura, das danças, das comidas típicas da nossa região.” Allan sugeriu a Karina falar também sobre as ideias da juventude para a conservação do território, algo em que o público do YouTube está interessado: “Você também pode ensinar o que acha que sejam as soluções para o problema”.

A Diretora de Meio Ambiente da USAID/Brasil, Anna Toness, ressaltou o papel do jovem como protagonista e sobre a necessidade das parcerias para a realização de ações que possibilitem o empoderamento das comunidades. “A liderança dos jovens é da maior importância, porque eles são o futuro das comunidades. É essencial fornecer as ferramentas que esses futuros líderes precisaram para resolver os desafios que enfrentarão no futuro”.

O projeto implementado pela ECAM aproveita a recente conexão de internet nas comunidades, fornecida pela Mineração Rio Norte – a maior mina de bauxita do país e uma das maiores do mundo, que opera na região desde a década de 1970 e pertence a um consórcio de oito mineradores. A mina, a cidade criada pela MRN e o porto são vizinhos dos territórios indígenas e quilombolas.

TROCANDO EXPERIÊNCIAS SOBRE VOLUNTARIADO E GESTÃO COMPARTILHADA

Mais de 2 mil voluntários trabalharam em 2017 nas 142 Unidades de Conservação administradas pelo Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio). O Programa de Voluntariado nos parques, florestas e reservas nacionais começou em 2009 e cobre hoje 42% dos Parques, Reservas e Florestas nacionais. Na Amazônia, o programa está em funcionamento em 30 UCs, espalhadas por cinco estados: Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Acre.

Para aprender com a experiência do Serviço Florestal dos Estados Unidos, que conta com um exército de 2,8 milhões de voluntários que, desde 1972 já doaram 123 milhões de horas avaliadas em US\$ 1,4 bilhão, técnicos do ICMBio foram convidados para visitas técnicas em Parques nos EUA e receberam em dezembro o Gerente de Programas para Vida Selvagem e Rios Cênicos da Região Norte do Serviço Florestal dos EUA (USFS), Jimmy Gaudry e Jennifer Tripp, ainda como Vice-Diretora de Operação de Trilhas da ONG norte-americana, *Pacific Crest Trail Association*. Este mês, Tripp passou a dirigir a organização, que é responsável pela manutenção, divulgação e preservação da *Pacific Crest Trail* – uma trilha que atravessa o Oeste dos Estados Unidos do México ao Canadá, tem mais de 4 mil km, pode ser explorada a pé ou a cavalo e atravessa Reservas Indígenas, Parques Nacionais e Estaduais, e conta com milhares de voluntários para sua manutenção. Os intercâmbios foram patrocinados por projetos do PCBA.

Em um intervalo do Seminário de Boas Práticas para Gestão de Unidades de Conservação, promovido pelo ICMBio, no qual Gaudry e Tripp participaram ativamente, os dois conversaram com o Informativo PCAB:

PCBA: Como funciona esta parceria que divide a administração de terras públicas entre um órgão público e uma organização da sociedade civil?

Jimmy Gaudry: O Serviço Florestal dos EUA engaja voluntários e parceiros com muita regularidade para nos ajudar a administrar e gerir uma grande quantidade de recursos. Tudo, de oportunidades para monitoramento a pesquisas. Valorizamos isto, não só porque nos ajuda a realizar o trabalho, mas porque ele conecta a comunidade ao meio ambiente que pertence a ela. E também amplia uma comunidade de apoio na população: apoio para terras públicas, apoio para as agências (do governo) e apoio para o trabalho que fazemos. É como operamos hoje em dia: através de parcerias e voluntários.

Jennifer Tripp: Da perspectiva do parceiro, é muito importante que nossos voluntários frequentem e se incluam nas terras públicas. Nem todas as agências e parceiros ficam tão animados em ter voluntários que vão a campo e são capazes de mostrar que podemos ajudá-los a atingir suas metas e objetivos. Há um ganho de valor em ter voluntários nos projetos. As organizações estão mais e mais interessadas em ter voluntários. À medida em que os recursos vão ficando mais escassos, é bem importante ter voluntários ajudando de todas as formas possíveis. Não apenas os considerando como mão-de-obra nas trilhas, mas também para outras competências, como comunicação.

A sociedade civil norte-americana tem direito a participar de decisões de gestão de parques e trilhas. Como isto se dá?

Gaudry: Temos a Lei de Política Nacional de Meio Ambiente (NEPA), que determina que engajemos o público sempre que tivermos que tomar qualquer decisão de gestão. Pela lei fazemos isto, mas através das parcerias promovemos um engajamento em vários níveis diferentes. Não é só uma questão de seguir um

processo para envolver a sociedade e ter uma contribuição. Mas de conectar com outra organização que compartilhe dos nossos valores, tenha a mesma missão e o desejo de ter o melhor resultado para quaisquer que sejam os recursos. Neste caso, estamos falando de trilhas de longa distância. Então eles estão ocupando um lugar na mesa, nos auxiliando a desenvolver e a ampliar a gestão futura destas áreas não só no contexto da NEPA, mas nas decisões do dia-a-dia e no processo de engajamento.



Tripp: Particularmente no caso do Sistema Nacional de Trilhas, um Ato do Congresso estipula que os parceiros devem ser envolvidos ao máximo na gestão, desenvolvimento e manutenção de trilhas de longa distância – o que é bem único desta lei: convocar parceiros e voluntários a tomar um lugar na mesa de negociação com as agências. Nem tudo o que o Serviço Florestal dos Estados Unidos faz, traz esta linguagem forte convocando o órgão a envolver os parceiros. Esta é uma peça única de legislação nos Estados Unidos.

Vocês poderiam dar um exemplo prático de como isto se dá?

Tripp: As pessoas gostam de acampar ao longo da trilha às vezes em lugares não muito apropriados. Muito perto da água ou em superfícies não muito firmes. E agora elas estão encontrando estes lugares em aplicativos que sugerem boas localizações para acampar. A minha organização e nossos voluntários estão encontrando os locais nos aplicativos, indo até lá e avaliando se são ou não bons locais para acampamento. Se não forem, eles discutem o assunto com o Serviço Florestal e procuram os desenvolvedores dos aplicativos para pedir para retirarem aquela localidade de suas indicações e impedir que as pessoas vão até lá e prejudiquem aquela área. Fazemos isto em parceria com o Serviço Florestal.

Gaudry: Este é um bom exemplo, porque não é só um órgão da burocracia dizendo: Olha, isto é um problema e temos que lidar com ele. É uma voz do público afirmando: “Achamos que há um problema e temos que resolvê-lo. Isto facilita o nosso trabalho.

[Clique aqui para saber mais sobre o Programa de Voluntariado do ICMBio.](#)

[Clique aqui para ler as 5 lições sobre parcerias de sucesso tiradas do Seminário:](#)

USAID/BRASIL RECEBE PESQUISADORA EM INOVAÇÃO

Em 10 de janeiro de 2018, a Equipe de Programas da USAID/Brasil recebeu a visita de Carolina Parks, uma pesquisadora norte-americana que recebe apoio financeiro da USAID/Brasil por meio do programa de Bolsa de Pesquisa em Inovação (RIF, na sigla em inglês) que é um programa dentro do PCBA que promove soluções e pesquisas científicas para questões amazônicas em parceria com universidades americanas. O programa oferece apoio a pesquisadores dos EUA que estejam desenvolvendo pesquisas de mestrado e doutorado sobre temas relacionados à conservação da biodiversidade na Amazônia brasileira. Parks está desenvolvendo

sua tese de doutorado na área de análise da soberania alimentar na região da Amazônia brasileira. Por definição, soberania alimentar é o direito dos povos a alimentos saudáveis e culturalmente adequados produzidos por meio de métodos ecologicamente seguros e sustentáveis, além de seu direito a definir seus próprios sistemas alimentares e agrícolas.



Foto: Arquivo USAID

Durante a reunião, ela explicou que o Brasil é um dos poucos países da América Latina e Caribe a possuir uma política definida de soberania alimentar. Contudo, a aplicação de tal política ainda é falha e, além disso, vem sofrendo impactos de outros programas sociais desenvolvidos pelo governo, bem como de atividades de pecuária, agricultura e infraestrutura, que afetam o uso do solo. Ao final de sua pesquisa, a Senhora Parks produzirá, com base em um Sistema de Informação Geográfica (SIG), um mapeamento de soberania e sistemas alimentares da região, indicando falhas na política e oportunidades de melhorias. A Senhora Parks concentrará sua pesquisa na região sul do estado do Pará e trabalhará em colaboração com a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

COOPERAÇÃO TRILATERAL COM O CHILE PARTE DO MODELO DE PARCERIA ESTRATÉGICA DA USAID/BRASIL

A USAID/Brasil liderou uma delegação que visitou o Chile entre 08 e 12 de janeiro para um encontro de alto nível com representantes da Agência de Cooperação chilena (AGCID) com o objetivo de desenvolver um Quadro Estratégico para Cooperação Trilateral. A visita se seguiu à diretiva do vice-presidente dos Estados Unidos, Mike Pence, que esteve no Chile em agosto.

O Memorando de Entendimento (MdE) assinado entre Chile e EUA em 2010/11 prevê a ampliação de acordos bilaterais anteriores para estabelecer cooperação conjunta para promover o desenvolvimento sustentável através de cooperação trilateral. O Memorando de 2011 assinado entre a AGCID e a USAID esboçou categorias gerais de cooperação potencial que incluem a promoção de crescimento econômico, melhorando a qualidade e acesso à educação, a segurança dos cidadãos e a inclusão social, além da redução da pobreza extrema.



Foto: Arquivo USAID

Delegações da USAID e AGCID após acordo para expandir parâmetros da Cooperação trilateral Estados Unidos – Chile.

O novo Quadro Estratégico busca operacionalizar estes acordos, identificando áreas específicas de interesses e prioridades compartilhados e definindo o detalhamento das modalidades de cooperação em outros países

com a criação de um desenho, implementação e monitoramento do trabalho de cooperação. Os Estados Unidos e o Chile identificaram um interesse mútuo em fortalecer e contribuir para o avanço do desenvolvimento de nações ao norte da América Central (El Salvador, Guatemala e Honduras), que podem tornar-se parceiros da cooperação trilateral no futuro. Entre as áreas a serem endereçadas pela cooperação estão facilitação de comércio, reforma do serviço público, gestão de finanças públicas, transparência e reformas no Judiciário.

IEB ANUNCIA 17 PEQUENOS FINANCIAMENTOS PARA APOIAR TERRITÓRIOS INDÍGENAS NA IMPLEMENTAÇÃO DA PNGATI

Um parceiro apoiado pelo PCBA, o Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) anunciou os projetos que receberam pequenos financiamentos, com o objetivo de ajudar territórios indígenas a implementar a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI). Os projetos foram desenvolvidos por grupos indígenas, e focam em suas necessidades e áreas prioritárias, e serão implementadas no sul do Amazonas. Foram aprovados 17 projetos dentro do edital: cinco na região do Rio Madeira, e 12 na região do Purus. Há propostas com os objetivos de resgatar conhecimentos tradicionais em medicina, apoiar melhorias no plantio da castanha e na produção de farinha além de apoio à vigilância territorial e construção de um centro comunitário. [Veja a lista de aprovados aqui.](#)

As comissões de seleção são formadas pelo IEB, Operação Amazônia Nativa (OPAN), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) e Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Ainda em 2018 haverá uma nova rodada para apoiar mais 17 projetos. De agosto a outubro de 2017, o edital recebeu 33 propostas, sendo 27 para a região do Purus e seis para a região do Madeira.

O objetivo do Programa de Pequenos Projetos do PCBA é apoiar financeira e tecnicamente organizações indígenas do sul do Amazonas na implementação da PNGATI. Além de buscar o fortalecimento das associações e cooperativas tomadoras de recursos para que tenham os conhecimentos e habilidades necessárias para gerenciar projetos.

CALENDÁRIO DE EVENTOS

- 26 e 27 de Janeiro: - Reunião de Avaliação da pesca do pirarucu em 2017 na RESEX Auatí Paraná e Assembleia Geral da Associação Agroextrativista de Auatí Paraná (AAPA). O Serviço Florestal dos EUA auxilia o fortalecimento institucional da AAP, o zoneamento dos lagos em Auatí-Paraná e a parceria com o Instituto Mamirauá para construção de uma plataforma de pré-processamento de pirarucu. O impacto esperado destas atividades é ampliar a qualidade e aumentar preços obtidos pela produção de peixe, melhorar a qualidade dos contratos para a venda e as condições de trabalho para as mulheres que trabalham na limpeza dos peixes.

Para acessar relatórios anteriores da USAID/Brasil visite: <https://pages.usaid.gov/brazil/bi-weekly-reports>

